

A person stands on a rocky outcrop in a dark, rugged landscape at night. The Milky Way galaxy is visible in the sky, arching over the scene. The person's reflection is visible in the water below. The overall mood is serene and contemplative.

PARQUE NATURAL DO VALE DO GUADIANA

25 ANOS

2020

A ORIGEM DO SÍMBOLO

O símbolo do Parque Natural do Vale do Guadiana foi inspirado num prato com vidrado em corda seca do séc. XI. Julga-se que representa uma ave de presa, motivo ilustrado em peças de cerâmica islâmica desse período.

Este símbolo evidencia a importância do património natural e das suas representações no quotidiano das comunidades e realça a relação entre as atividades humanas e a natureza. No território do vale do Guadiana, ontem como hoje, a expressão dessa relação manifesta-se em atividades como a agricultura, a pecuária, a pesca ou a caça mas também em renovados e novos usos como o turismo, o lazer, as artes ou a investigação.



PARQUE NATURAL DO VALE DO GUADIANA

25 ANOS



ANO
2020



Vigilantes da Natureza

Angelo Fernandes @afshoot.com

ÍNDICE

1
TESTEMUNHOS
Pág. 6

2
UMA ÁREA PROTEGIDA
PARA O VALE
DO GUADIANA
Pág. 14

Os dirigentes no Parque
Natural do Vale do Guadiana
(1995 a 2020)
Pág. 20

O fio da história
Pág. 28

3
O RIO GUADIANA
Pág. 32

4
TERRITÓRIO DE ESPÉCIES,
TERRITÓRIO DE PESSOAS
Pág. 36

Entre a estepe e o Guadiana
Pág. 38

O grou
Pág. 43

A águia-imperial-ibérica
Pág. 44

O lince-ibérico
Pág. 46

Em terras do Pulo do Lobo
Pág. 52

Os canais do Guadiana
Pág. 56

As azenhas
Pág. 58

A ribeira do Vascão
Pág. 60

O saramugo
Pág. 63

5
POVOADOS
Pág. 64

Vila de Mértola
Pág. 66

Casa do Lanternim
Pág. 68

O peneireiro-das-torres
Pág. 72

Cidade de Serpa
Pág. 73

Da Mina de São Domingos
ao Pomarão
Pág. 74

Rota do contrabando
Pág. 76

6
TURISMO DE NATUREZA
Pág. 78

7
VIVER (N)O PARQUE
NATURAL
Pág. 86

CAPÍTULO

1

TESTEMUNHOS



Azinheira do Monte Barbeiro
POR JOÃO SANTOS
[tempo 00:41]

Azinheira secular
do Monte Barbeiro
📷 João Santos



JOÃO PAULO CATARINO
Secretário de Estado da Conservação da Natureza, das Florestas e do Ordenamento do Território

O Parque Natural do Vale do Guadiana comemora o seu quarto de século, sendo de sublinhar que, na sua criação, esteve subjacente “o seu elevado interesse faunístico, florístico, geomorfológico, paisagístico e histórico-cultural” e que a mesma se justificou “por forma a salvaguardar os valores naturais, paisagísticos e culturais aí existentes e, simultaneamente, promover o desenvolvimento sustentado da região e a qualidade de vida das populações”.

Este parque natural, localizado nos concelhos de Mértola e Serpa, em que o vale do rio Guadiana assume a função de coluna vertebral, tem o seu valor ambiental reforçado pelo facto de integrar a Zona de Proteção Especial do Vale

do Guadiana e a Zona Especial de Conservação do Guadiana, no âmbito da Rede Natura 2000, bem como o Sítio de Importância Internacional para a Conservação das Zonas Húmidas – Ribeira do Vascão.

Trata-se, na verdade, de um território de um intangível valor, que, a par com as restantes áreas protegidas, reúne algumas das manifestações mais singulares dos valores e recursos naturais do território português.

Com este livro assinala-se, com toda a dignidade, um marco emblemático na história desta área protegida, dando o merecido espaço para as palavras daqueles que a ela se dedicaram ao longo deste período, descrevendo e ilustrando magnificamente a riqueza dos valores naturais

O Meu Alentejo

“(…) Tudo é tranquilo, e casto, e sonhador...
Olhando esta paisagem que é uma tela
De Deus, eu penso então: Onde há pintor,

Onde há artista de saber profundo,
Que possa imaginar coisa mais bela,
Mais delicada e linda neste mundo?!”

Florbela Espanca

presentes e conferindo o justo destaque aos que aí vivem, que a cuidam e que a continuarão a cuidar.

Este livro comemorativo não podia estar mais alinhado com a visão almejada para todas as áreas protegidas portuguesas.

Na verdade, na Estratégia Nacional de Conservação da Natureza e da Biodiversidade 2030 Portugal assume as suas áreas protegidas como ativos estratégicos de inquestionável interesse nacional.

Por seu turno, no Programa do XXII Governo Constitucional a valorização do território é identificada como um dos seus desafios estratégicos, onde são igualmente assumidos os objetivos de promover a fixação das populações residentes em áreas protegidas. Desta forma, há um evidente empenho político no sentido de concretizar uma gestão ativa e de proximidade das áreas protegidas, onde a presença de pessoas e a existência de atividades humanas, em maior ou menor grau, é essencial para manter os valores que as caracterizam.

Volvidos 25 anos pode afirmar-se que os pressupostos que estiveram na base da criação deste parque natural foram cumpridos: os seus valores naturais foram preservados e sempre visando o desenvolvimento socioeconómico harmonioso da região onde se insere.

Contudo, a gestão holística e a valorização do Parque Natural do Vale do Guadiana continuam a ser fundamentais, pois está em causa um território sujeito a muitas ameaças. Na verdade, e já no tempo da sua criação era reconhecido que “a identidade da paisagem desta zona se encontrar ameaçada pelo progressivo desaparecimento dos sistemas tradicionais de utilização do solo”, a que acresce, à presente data, novas ameaças, como, por exemplo, os processos de abandono, de alterações climáticas, de risco de incêndio e de desertificação, entre outras.

Há efetivamente muito caminho pela frente e, parafraseando a poetisa alentejana, o Parque Natural do Vale do Guadiana – “que coisa mais bela” – merece todo esse empenho!

“ Volvidos 25 anos pode afirmar-se que os pressupostos que estiveram na base da criação deste parque natural foram cumpridos: os seus valores naturais foram preservados e sempre visando o desenvolvimento socioeconómico harmonioso da região onde se insere. ”

Ribeira de Limas

As terras do Guadiana, banhadas em partilhado repasto pelo rio que lhes empresta o nome e sem preocupação com ventos ou casamentos, encerram quer de forma ostensiva nas planícies, quer de forma discreta nos vales encaixados, um património natural ímpar no continente europeu. Na visão integrada dos valores que compõem este património, residem espécies e habitats prioritários, paisagens em jeito pristino e um vasto legado milenar deixado pela passagem sucessiva e permanente das diferentes civilizações que o atravessaram. A sua diversa singularidade goza da resiliência dos seus habitantes, que o engenho e arte motivou a forma de manterem vivas tradições ancestrais e práticas culturais em equilíbrio.

A responsabilidade do Estado na preservação

destes valores tem-se socorrido da ação concreta das forças vivas dos territórios para fazer chegar aos nossos dias os serviços que os ecossistemas fornecem, muito para além das suas próprias fronteiras. É o reconhecimento deste papel central – de territórios e suas populações – que deve orientar as políticas públicas e as decisões de investimento! Um investimento que tem de incluir na equação, não só os custos diretos e indiretos, mas também os benefícios que resultam para todos, do trabalho e do empenho daqueles que são efetivamente os guardiões do património que compõe e dá valor ao Parque Natural do Vale do Guadiana. O ICNF e os seus trabalhadores dão todos os dias um modesto mas empenhado contributo para este desígnio, que é sem dúvida, de todos os cidadãos!

“É o reconhecimento deste papel central – de territórios e suas populações – que deve orientar as políticas públicas e as decisões de investimento!”



NUNO BANZA
Presidente do
Conselho Diretivo
do Instituto da
Conservação da
Natureza e das
Florestas, I.P.



JORGE ROSA
Presidente da
Câmara Municipal
de Mértola

A comemoração de um aniversário é sempre motivo para dar os parabéns ao aniversariante, pelo que as minhas primeiras palavras são para a estrutura do PNVG e para o ICNE, pelo caminho feito nos últimos 25 anos, em prol da conservação da natureza e da biodiversidade.

É certo que num caminho já longo, desde a fase de pré criação da área protegida até aos dias de hoje, nem tudo correu bem e houve momentos negativos, alguns até envoltos em alguma polémica, por incapacidade de incluir as populações e os residentes nas soluções preconizadas e a implementar.

Por vezes cometem-se estes erros na ânsia de “criar”, de “fazer”, são esquecidos os atores principais numa área que se pretende proteger, que são quem lá vive, quem lá trabalha, quem desenvolve as suas atividades e ganha o seu sustento nessa área e que tem de continuar a existir até para que o projeto seja bem-sucedido, pois sem as pessoas não há conservação da natureza, nem há sucesso em qualquer processo que se pretenda criar neste tema.

“ (...) o balanço é claramente positivo, pelo que ficam os parabéns ao PNVG e a expectativa de que os anos seguintes possam ser igualmente bons para a conservação da natureza e biodiversidade (...) ”

Ultrapassada essa fase inicial menos positiva e conseguindo ganhar a confiança das pessoas para a conservação, o balanço é claramente positivo e

a região tem ganho muitos valores pela presença do PNVG. São já muitas as espécies que se recuperaram, que passaram a povoar esta zona, que enriquecem o nosso meio natural e as nossas paisagens e que possibilitam novos projetos e estratégias de desenvolvimento, o que não seria possível sem esta estrutura.

Há muitos fatores que ajudam a esta progressão, como por exemplo o Ordenamento Cinegético, que possibilitou um maior controle sobre a caça, conhecendo-se sempre os responsáveis em cada couto de caça, tendo possibilitado ainda a criação de uma nova mentalidade nos caçadores, de conservacionistas da natureza e do meio ambiente. Hoje em dia os caçadores protegem as espécies não cinegéticas, ajudam a equilibrar a biodiversidade e fazem uma gestão que ajuda a alimentar toda a fauna selvagem.

Também se continuam a praticar algumas ações incompreensíveis para a conservação da natureza, que não deviam ser permitidas, como são as desmatações de enormes manchas e a limpeza de linhas de água de todo o coberto vegetal, sendo que alguns destes trabalhos são mesmo em serras ou zonas de refúgio por excelência para a fauna selvagem.

Mas como disse em cima, o balanço é claramente positivo, pelo que ficam os parabéns ao PNVG e a expectativa de que os anos seguintes possam ser igualmente bons para a conservação da natureza e biodiversidade e que esta área protegida saiba ser um parceiro em cada momento e não um constrangimento ao desenvolvimento sustentável.

Nos 25 anos da classificação do Parque Natural do Vale do Guadiana quero deixar o meu reconhecimento pelo trabalho consistente desenvolvido na salvaguarda, conservação e valorização dos recursos naturais do território, contribuindo para um melhor conhecimento da biodiversidade e para a sensibilização do público em geral e das comunidades locais sobre a importância do ambiente e das suas potencialidades na criação de riqueza económica e na sustentabilidade do território.

“ (...) sensibilização do público em geral e das comunidades locais sobre a importância do ambiente e das suas potencialidades na criação de riqueza económica e na sustentabilidade do território. ”

Importa salientar que sendo a salvaguarda do património natural e a valorização dos recursos endógenos uma das bases da estratégia traçada pelo município de Serpa para o desenvolvimento do concelho, os importantes laços de colaboração existentes desde sempre com o PNVG têm permitido a estruturação de projetos e de atividades promotoras de desenvolvimento e que os mesmos possam contribuir cada vez mais para uma melhor qualidade de vida das populações.

Muitos parabéns ao Parque Natural do Vale do Guadiana!



TOMÉ PIRES
Presidente da
Câmara Municipal
de Serpa

CAPÍTULO

2

UMA ÁREA PROTEGIDA PARA O VALE DO GUADIANA

UMA ÁREA PROTEGIDA PARA O VALE DO GUADIANA

A ideia de criar uma área protegida associada ao vale do Guadiana surge em 1986, quando a Associação de Defesa do Património de Mértola (ADPM) e a Câmara Municipal de Mértola entenderam que o património natural, cultural e paisagístico enfrentavam a ameaça do progressivo desaparecimento, decorrente do abandono dos sistemas tradicionais de uso do solo. Considerou-se que o risco da perda de uma paisagem com uma identidade única justificavam a sua classificação.

Pretendeu-se, desta forma, salvaguardar os valores naturais, paisagísticos e culturais e simultaneamente promover o desenvolvimento sustentado da região e a qualidade de vida das populações.

Desde logo iniciaram-se trabalhos de investigação destinados a aprofundar o conhecimento acerca dos recursos existentes e que ajudassem a definir medidas de gestão.

Reunida essa informação, em 1987, foi apresentada uma primeira proposta para que o vale do Guadiana fosse integrado no Sistema Nacional de Áreas Protegidas, de acordo com o Decreto-Lei n.º 613/76, de 27 de julho.

Seis anos decorreram até 1993, ano em que foi publicado um novo Diploma que estabeleceu os objetivos nacionais de conservação da natureza a nível central, regional e local, através do Decreto-lei n.º 19/93, de 23 de janeiro. Por essa altura, aplicava-se pela primeira vez o conceito de área protegida de âmbito regional ou local, mas apenas às áreas classificadas como “paisagem protegida”.

Reconhecendo-se a importância de classificar o vale do Guadiana como parque natural, reconhecimento que estaria assente na sua inquestionável relevância faunística, florística, geomorfológica, paisagística e histórico-cultural, foi apresentada ao então Serviço Nacional de Parques, Reservas e Conservação da Natureza (SNPRCN), uma nova proposta fundamentada no estudo - “Caracterização Biofísica do Troço Médio do Vale do

Guadiana (Região Mértola)” - da responsabilidade da ADPM. Os limites da área protegida então traçados tiveram em consideração a ocorrência dos valores naturais e a existência de elementos físicos de referência, como os cursos de água e estradas, que facilitariam a sua identificação no terreno, implantando-se em parte do território do concelho de Mértola e alargado, por manifesto interesse da autarquia, ao concelho de Serpa. Este alargamento foi plenamente justificado atendendo a que os valores naturais e culturais identificados não eram condicionados pelos limites administrativos dos concelhos envolvidos. As entidades proponentes foram a Câmara Municipal de Mértola, a Câmara Municipal de Serpa, a ADPM e a Associação Rota do Guadiana.

“ (...) reconhecimento que estaria assente na sua inquestionável relevância faunística, florística, geomorfológica, paisagística e histórico-cultural, (...) ”

Enquanto decorriam estudos e reuniões preparatórias com o então Ministério do Ambiente e dos Recursos Naturais, a Associação de Defesa do Património de Mértola desenvolveu um processo participativo, pioneiro e inovador para a época, conducente ao envolvimento da comunidade e em particular dos setores económicos essenciais, por forma a consensualizar a proposta de criação da área protegida. Esse procedimento viria a revelar-se decisivo para a criação do Parque Natural do Vale do Guadiana.

Rio Guadiana,
Azenhas (Mértola)

“ A proposta de criação do parque Natural do vale do Guadiana (PNVG) foi (...) formalizada através do decreto Regulamentar n.º 28/95, de 18 de novembro. ”

A proposta de criação do Parque Natural do Vale do Guadiana (PNVG) foi aprovada na reunião do Conselho de Ministros de 17 de julho de 1995, após o que foi formalizada através do Decreto Regulamentar n.º 28/95, de 18 de novembro. Posteriormente,

através da Resolução do Conselho de Ministros n.º 161/2004, de 10 de novembro, foi aprovado o plano de ordenamento e respetivo regulamento, do PNVG.

O primeiro diretor do PNVG foi Cláudio Torres (1996 a 2002), seguindo-se Ana Zúquete (fevereiro de 2002 a julho de 2005) e Pedro Rocha (agosto de 2005 a abril de 2007).

Em 2007, com o intuito de otimizar os recursos técnicos, o então Instituto da Conservação da Natureza e da Biodiversidade (ICNB) estruturou-se em departamentos de âmbito regional, agregando várias áreas protegidas. Este modelo integrou o PNVG no Departamento de Gestão de Áreas Classificadas do Sul, que passou a ser a estrutura orgânica responsável pela gestão do PNVG e de outras duas áreas protegidas, concretamente o Parque Natural

do Sudoeste Alentejano e Costa Vicentina e o Parque Natural da Ria Formosa, conforme previsto na orgânica e estatutos do ICNB entretanto publicados (Decreto-Lei n.º 136/2007, de 27 de abril, e Portaria n.º 530/2007, de 30 abril).

Nesta nova estrutura, o diretor de departamento designado foi João Alves (junho de 2007 a novembro de 2012).

Em 2012, a fusão entre o ICNB e a Autoridade Florestal Nacional (AFN) deu origem ao ICNF - Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas, I.P., e gerou uma nova expressão na organização territorial das áreas protegidas. Este modelo integrou o PNVG no Departamento de Conservação da Natureza e Florestas do Alentejo (DCNF-ALT) que integrava, para além do PNVG, o Parque Natural da Serra de São Mamede, a Reserva Natural das Lagoas de

Santo André e da Sancha e o Monumento Natural das Portas de Rodão, conforme foi definido na orgânica e estatutos do ICNF, I.P. entretanto publicados (Decreto-Lei n.º 135/2012, de 29 de junho, e Portaria n.º 353/2012, de 31 outubro).

Nesta nova estrutura, o diretor de departamento designado foi Pedro Rocha (dezembro de 2012 a maio de 2019).

Em 2019 entra em vigor nova lei orgânica do ICNF, I.P. (Decreto-Lei n.º 43/2019, de 29 de março, e Portaria n.º 166/2019, de 29 de maio). O PNVG, bem como as áreas protegidas que anteriormente integravam o DCNF-ALT, estão atualmente sob gestão da Direção Regional da Conservação da Natureza e Florestas do Alentejo (DRCNF-ALT) cuja diretora é Olga Martins, Vogal do Conselho Diretivo do ICNF, I.P.

O Parque Natural do Vale do Guadiana



Estepe

OS DIRIGENTES NO PARQUE NATURAL DO VALE DO GUADIANA (1995 A 2020)

A té onde chega o olhar, aquela linha interminável do horizonte permite ou mesmo sugere outros mundos, outros espaços ora misteriosamente escondidos, ora abertos, disponíveis e verdejantes. Primeiro foi a procura do escondido, daquele mundo subterrâneo onde o passado mais ou menos longínquo espera o regresso à luz do sol, o reatar de uma nova vida, pelas mãos nervosas e amigas do arqueólogo. Depois, logo a seguir, veio uma outra curiosidade, acompanhada por um rumorejar de folhas verdes, por aquele perfume inebriante que penetra e envolve o ambiente. E de facto, neste território, esta linha sempre enviesada do horizonte, esconde vários outros mundos de um longínquo passado ainda não totalmente esquecido, hoje recoberto e protegido por um suave manto de azinheiras, searas e montados. Escavar, sem destruir, saber combinar e harmonizar estes dois mundos, é e sempre será a nossa missão ao intervir neste território excepcional onde o passado se tem tornado menos desconhecido, desvendando alguns dos seus mistérios, e o presente se tem apoderado e sabido proteger a bela paisagem que nos envolve.



CLÁUDIO TORRES
(1996 - 2002)

“ (...) aquela linha interminável do horizonte permite ou mesmo sugere outros mundos (...) ”



ANA ZÚQUETE
(2002 - 2005)

No início de outubro de 1997, depois de 2 anos e 9 meses a trabalhar nos serviços centrais do então ICN, na Divisão de Aplicação de Convenções, fui trabalhar para um dos, à época, mais recentes parques naturais da Rede Nacional de Áreas Protegidas - o Parque Natural do Vale do Guadiana (PNVG). A minha ambição, trabalhar em conservação da natureza e no Alentejo.

Quando cheguei, os dedos de uma mão bastavam para contabilizar os recursos humanos do PNVG - dois técnicos, Pedro Rocha e Cláudia Franco, um Guarda da Natureza, Francisco Faria, uma administrativa, Glória Candeias e o Diretor, Cláudio Torres! Em 1998 chegaram outros - três Vigilantes da Natureza, Carlos Carrapato, Marco Candeias e Nuno Saavedra, todos acabadinhos de ingressar na administração pública e um pouco mais tarde mais uma técnica, Ana Cristina Cardoso. Não me posso esquecer da Doutora Otilia, a senhora que durante anos fez a limpeza da sede do Parque. Pouca gente, mas um elenco de luxo. A juntar a este elenco, foram muitos os estagiários que passaram pelo PNVG e alguns acabaram mesmo por concorrer e ser integrados no quadro do ICN.

“O aumento da biodiversidade naquele território é um facto e isso deve-se sobretudo ao empenho das pessoas que ali trabalharam (...)”

O PNVG é um dos exemplos que confirma a importância da Rede Nacional de Áreas Protegidas. O trabalho realizado ao longo dos anos está à vista de todos. O aumento da biodiversidade naquele território é um facto e isso deve-se sobretudo ao empenho das pessoas que ali trabalharam e é a elas que quero prestar a minha homenagem neste ano em que o Parque completa 25 anos.

Trabalhar no PNVG foi uma escola para mim. Aprendi muito e devo-o aos colegas com quem tive a honra de trabalhar. Foram dias, alguns duros, outros muito compensadores, mas no conjunto uma experiência que nunca esquecerei. Trabalhar em conservação da natureza é uma das melhores profissões, mas também das mais difíceis que existe. A conservação da natureza não dá dinheiro, custa dinheiro e isso torna-a uma “chatice” aos olhos de muitos. Mas não tenham dúvidas, este dinheiro será sempre bem empregue, pois em última instância quando conservamos a natureza, estamos a conservar-nos a nós mesmos.

Parabéns a todos aqueles que durante 25 anos trabalharam para conservar e melhorar o PNVG.

Quando, em meados de 2007, perante o Professor Humberto Rosa, aceitei dirigir o Departamento de Gestão de Áreas Classificadas - Sul (DGAC-Sul), assumi a responsabilidade sobre três parques naturais do Baixo Alentejo e Algarve – Sudoeste Alentejano e Costa Vicentina, Ria Formosa e Vale do Guadiana - aos quais se adicionaram as ZPE e SIC situados a sul de uma linha imaginária ligando Elvas a Sines. Tudo somado, representava 1/3 das áreas protegidas e classificadas do Continente.

O PNVG, pelas suas características biofísicas e socioculturais, representou como que um mecanismo de diversificação de gestão, perante as solicitações maioritariamente instrumentais que os outros dois Parques implicavam, com processos de aprovação final – Ria Formosa – ou de revisão em curso - Sudoeste Alentejano e Costa Vicentina - dos respetivos planos de ordenamento.

Entrar no território do Parque Natural do Vale do Guadiana, vindo do Algarve, do Alentejo Litoral ou de Lisboa, e observar a paisagem, conferia-me uma sensação de retorno às origens profissionais enquanto biólogo do ICN, mais envolvido em assuntos relacionados com a flora e a vegetação e, desde a década de 90, com os habitats naturais e os sistemas ecológicos.

Na verdade, fosse quando passava a ribeira do Vascão, e mais a norte, já com Mértola à vista, atravessava a ribeira de Oeiras, ou fosse a vastidão das peneplanícies entre Castro Verde e Mértola, fosse a passagem da ribeira de Terres e logo a seguir, no horizonte, a silhueta verdejante da serra

de Alcária Ruiva, a sensação que me dominava era de tranquilidade, de vastidão e das evidências do determinismo dos processos naturais, incidentes sobre este amplo território, mas intensamente modelado pela ancestral ação humana.

Por outro lado, e já com a Casa do Lanternim à vista, mantinha-se a sensação de tranquilidade que a paisagem me proporcionava durante a viagem, em boa parte graças à confiança e segurança técnica proporcionadas pela qualidade, empenho e profissionalismo de todos os elementos que integravam a pequena mas valiosa equipa de Técnicos, Vigilantes da Natureza e uma Administrativa.

A estas características dos Colegas com os quais trabalhei durante mais de cinco anos, não serão alheios os ensinamentos e as atuações dos Diretores que me antecederam, com especial destaque para o Pedro Rocha, o qual, pelo conhecimento da realidade do Parque, valia técnica, responsabilidade e relacionamento com os atores locais, me proporcionava uma facilitada e tecnicamente apoiada direção das três áreas protegidas do DGAC-Sul e desta em particular.

Embora agora com outras motivações, regresso a Mértola sempre com renovado prazer e com a sensação de continuar a ser bem-vindo.

A todos com os quais trabalhei resta-me agradecer e aos que me sucederam formular os maiores sucessos profissionais, no mínimo, para os próximos 25 anos.



JOÃO ALVES
(2007 - 2012)

“ (...) a sensação que me dominava era de tranquilidade, de vastidão e das evidências do determinismo dos processos naturais (...) ”



PEDRO ROCHA
(2005 - 2007)
(2012 - 2019)

“Pelo caminho encontrei e privei com muita gente extraordinária, conhecedores do rio, dos bichos e das plantas (...)

”

Visitei Mértola e o vale do Guadiana pela primeira vez no início dos anos 90. Não sei precisar se foi em 90 ou 91, sei que fui com um livro na mão que me tinha oferecido o meu irmão João: Fauna e Flora de Mértola – uma perspetiva ecológica do Concelho. Este magnífico trabalho foi desenvolvido pela Naturibérica para o Campo Arqueológico de Mértola (CAM). Nesta primeira visita fiquei a conhecer o Guadiana (mais que não seja porque virei o caiaque que aluguei ao Clube Náutico) e também o Ti João Confeiteiro, pescador do Guadiana e companheiro de muitas conversas nas quase duas décadas seguintes. Dono de uma memória espantosa do rio, o Ti João foi um dos últimos pescadores do solho (esturjão), hoje extinto no Guadiana. A partir daí, foi o apelo por um território extraordinário de descoberta, onde acabei por desenvolver todo o meu percurso académico e profissional (entre o vale do Guadiana e o Campo Branco). Pelo caminho encontrei e privei com muita gente extraordinária, conhecedores do rio, dos bichos e das plantas, muitos dos quais desaparecidos mas de boas memórias (o Ti João, o Ti Chico Bento, o Ti Alfredo...). Quando o Parque foi criado, em 1995, já desenvolvia trabalho em Mértola, sobre o francelho, esse extraordinário falcão insectívoro, migrador transariano.

Foi o francelho, que me levou ao meu primeiro trabalho com o então ICN (ainda no contexto de estágio de Biologia). Contribuíram também as facilidades de alojamento que me foram dadas pelo CAM (no mítico Dispensário, local de

encontro de aspirantes a arqueólogos, antropólogos e biólogos). Com a criação do Parque Natural do Vale do Guadiana foi necessário constituir a equipa e eu fui convidado pelo primeiro Diretor, o Doutor Cláudio Torres. Desde então o PNVG tem crescido na sua afirmação enquanto um dos parques naturais mais importantes de Portugal. Para isso tem contado desde o seu início com uma excecional equipa de funcionários e um grande compromisso com a região e com os habitantes dos concelhos que o compõem, Serpa e Mértola (visível, por exemplo na adesão à Marca Natural.PT, em que o PNVG encabeça as APs). Importante para a conservação, pela presença de populações relevantes de espécies ameaçadas como o francelho, a abetarda, o saramugo, a águia-imperial-ibérica e, a águia-de-bonelli, foi o território selecionado para a reintrodução do lince. Este projeto, porventura o mais importante desenvolvido na área da Conservação da Natureza, em Portugal, na 1.ª década do século XXI, só poderia ter sido desenvolvido no PNVG atendendo ao longo trabalho de parceria desenvolvido entre a agricultura, a caça e a conservação da natureza, num contexto de confiança e respeito mútuos. Para o futuro urge a necessidade de encontrar para esta área protegida um compromisso ao nível do novo PDR que salvguarde as espécies e habitats e assegure o pagamento dos serviços efetuados pelos agricultores, produtores e gestores. Fundamental é também encontrar um caminho de adaptação às alterações climáticas, que afeta de forma particularmente severa os ecossistemas do PNVG.

Cheguei a Mértola e ao coração deste Parque Natural em 2004 a pretexto de enorme desafio profissional que me proporcionou a possibilidade de aqui viver, conhecer o território, as suas gentes e as suas potencialidades. Sempre entendi o PNVG como um local de enorme valor natural ao nível da conservação da natureza e da biodiversidade, mas também como uma terra de oportunidades e iniciativas de sucesso que nos continuam constantemente a surpreender.

Novamente por motivos profissionais saí de Mértola alguns anos depois, mas sem nunca deixar de seguir os passos firmes que se foram dando na caminhada de construção de um Parque de referência, na ligação à comunidade e na forma integrada como se foram vencendo preconceitos e barreiras. Com a responsabilidade na área da sustentabilidade numa empresa regional com um forte impacto no ciclo da água, contribuí para a gestão dos recursos hídricos e para a melhoria da qualidade da água, recurso tão limitador neste território. Acompanhei novamente a implementação de projetos, medidas e ações no PNVG e áreas envolventes, o que me permitiu continuar a colecionar memórias e conhecimento sobre os valores naturais e sobre a biodiversidade que nos surpreende a cada recanto.

Foi em 2019 que aceitei o desafio como Diretora Regional da Conservação da Natureza e Florestas do Alentejo, de dar o meu contributo para a valorização do seu capital natural, gestão sustentável dos espaços naturais e florestais, dos recursos cinegéticos, silvopastoris, apícolas

e aquícolas. Acredito que a gestão dos recursos naturais e a conservação da natureza deve fazer-se com o envolvimento de todos. Não importa se falamos de água, solo, floresta ou biodiversidade. Importa sim estarmos conscientes que falamos de recursos fundamentais ao nosso próprio sucesso e à nossa continuidade enquanto seres vivos e nesse quadro, devemos assegurar a sua gestão de forma sustentável, manter o equilíbrio na natureza, respeitar os seus tempos e a sua sabedoria.

Ameaçar a biodiversidade é ameaçar a nossa própria existência, o que não queremos que aconteça.

A defesa e preservação dos valores naturais de uma forma compatível com a ação do homem, também ele parte integrante da Natureza e deste Parque Natural será sem dúvida o caminho para a verdadeira sustentabilidade, aceite por todos e capaz de garantir a manutenção e transmissão da biodiversidade às futuras gerações.

O Parque Natural do Vale do Guadiana está de parabéns pelo seu 25º Aniversário. Mas nada seria possível sem o empenho e dedicação de todos os que aqui trabalharam e trabalham diariamente. Todos eles estão também de Parabéns pelo que construíram ao longo destes anos. Felicito também todos os que vivem neste PNVG. A todos agradeço o contributo e o orgulho que sentem, todos os dias, por aqui viverem.



OLGA MARTINS
(2019 - ...)

“Ameaçar a biodiversidade é ameaçar a nossa própria existência (...)

”

PARQUE NATURAL DO VALE DO GUADIANA

► O PARQUE

69.666 ha
DE ÁREA

2
CONCELHOS
ABRANGIDOS
MÉRTOLA E SERPA

370m
ALTITUDE MÁXIMA
SERRA DE ALCARIA

4
ESTATUTOS
DE PROTEÇÃO

1. PARQUE NATURAL

2. ZONA ESPECIAL
DE CONSERVAÇÃO

3. ZONA DE
PROTEÇÃO ESPECIAL

4. SÍTIO RAMSAR

► A FAUNA

173
AVES

44
MAMÍFEROS

16
PEIXES
11 ENDEMISMOS

19
RÉPTEIS

12
ANFÍBIOS

4
BIVALVES

► A FLORA

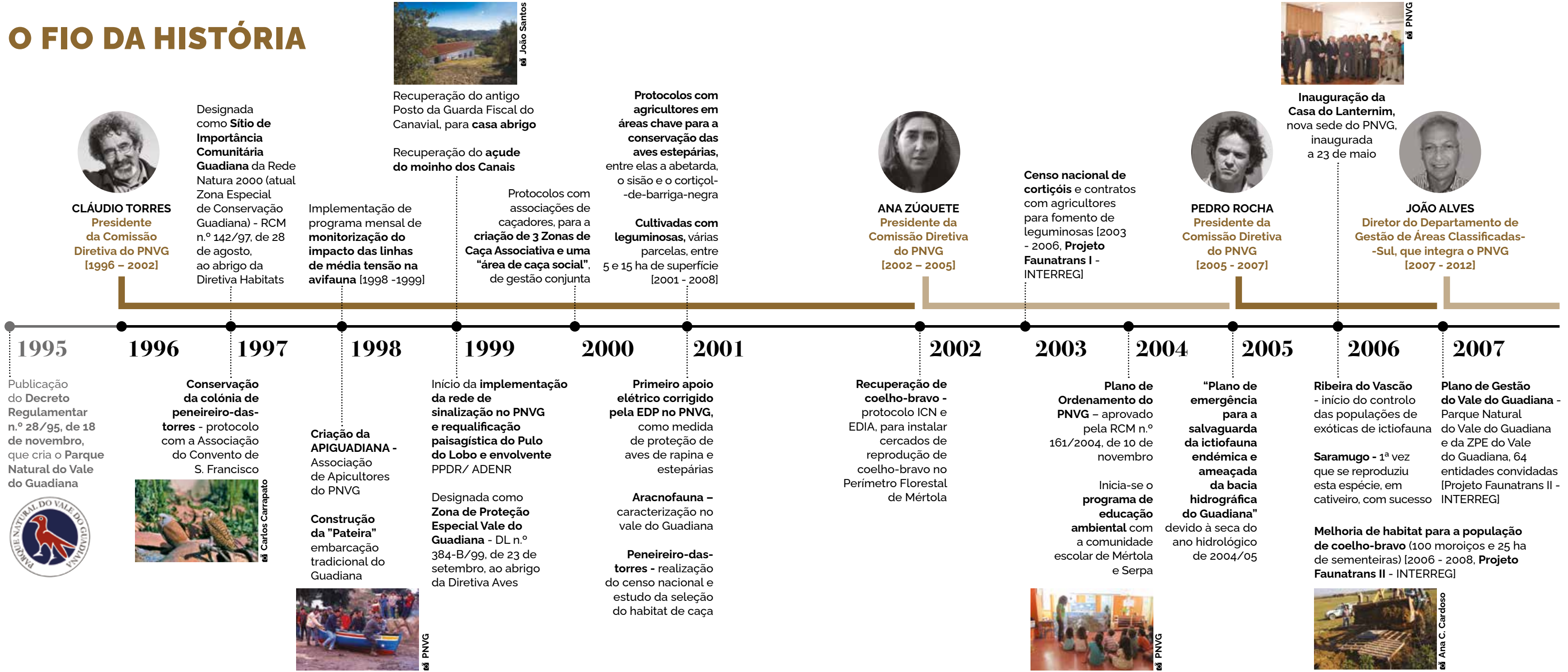
+ 300
DE ESPÉCIES

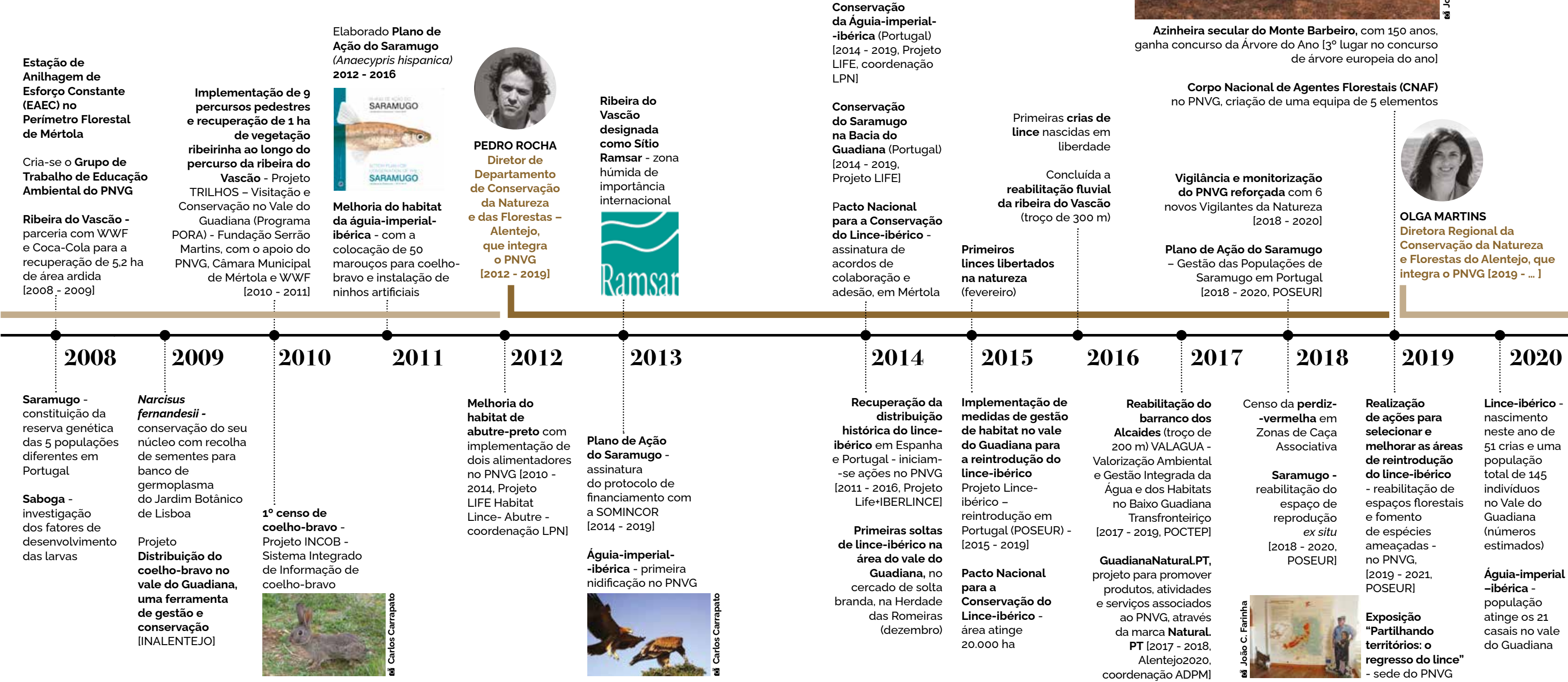
2
ENDEMISMOS
LUSITANOS

3
ENDEMISMOS
IBÉRICOS

5
ESPÉCIES
DOS ANEXOS
DA DIRETIVA
HABITATS

O FIO DA HISTÓRIA





Rio Guadiana,
15 de Abril, 2020
📷 João Santos

CAPÍTULO

3

O RIO GUADIANA

O RIO GUADIANA

Os três grandes rios que nos vêm de Espanha, o Guadiana é aquele que corre em zonas de menor altitude e possui menor caudal. Ainda na Mancha, o rio é um curso de água inconstante e ao entrar em Portugal, represado pela barragem do Alqueva, espraia-se por vasta albufeira. A norte de Mértola, o Guadiana serpenteia entre escarpas destacando-se, entre Serpa e Mértola, a cascata do Pulo do Lobo, acidente geológico onde ocorre uma zona de rápidos quando dos maiores caudais.

Em torno do rio estende-se uma planície ondulada pautada por uma ou outra elevação de diminuta altitude, caso das serras de São Barão e de Alcária, em que sobressaem os vales encaixados dos seus afluentes, parte do ano pobres em água. Chove bem pouco por estas paragens em que o sol chega a queimar no auge da estiagem e aridez não é uma palavra vã. Esta realidade, aliada à magreza dos solos, reflete-se na natureza dos habitats, no coberto vegetal e na fauna presente.

Nas estepes cerealíferas, paisagens abertas sem arvoredo, cultivadas, em pousio ou alqueive, surgem o sisão e a abetarda. O esteval, associado aos pousios ou cobrindo as terras abandonadas abriga espécies como o lince-ibérico, fruto de um persistente esforço de recuperação, e o javali. O montado, sobretudo de azinho, é importante para as aves que nidificam em árvores. As zonas de vegetação ribeirinha são habitats de lontra. Nas escarpas em vales encaixados das linhas de água refugiam-se numerosas aves de presa como o grifo, a cegonha-preta e a águia-imperial-ibérica. O matagal mediterrânico, cobrindo as zonas mais inacessíveis, é povoado por zambujeiros e aroeiras. A fauna piscícola inclui onze endemismos ibéricos, caso do saramugo e a boga-do-guadiana, sendo ainda possível encontrar espécies migradoras tais como a savelha e a lampreia.

Outrora porto, aberto ao comércio marítimo, a vila de Mértola assenta num imponente esporão rochoso que marca o término de navegabilidade do Guadiana. Torres e muralhas dominam

o antigo casco urbano lembrando épocas distantes em que foi importante praça deste ocidente ibérico. O castelo, antiga acrópole romana e alcáçova de uma fortificação islâmica, a Igreja matriz, outrora mesquita, a curiosa Torre do Rio, bem como as coleções de cerâmica da época islâmica, em que se inclui a tigela datada do século XI ostentando a ave de presa símbolo do Parque Natural do Vale do Guadiana contam uma outra Mértola: histórias de agricultores, pastores e artesãos vivendo a gesta humilde do quotidiano, sabendo manter um precário equilíbrio entre os seus interesses e o carácter do suporte natural.

PEDRO CASTRO HENRIQUES

Parque Natural do Vale do Guadiana,
POR DANIEL PINHEIRO
[tempo 02:50]



Rio Guadiana



João Santos

CAPÍTULO

4

TERRITÓRIO DE ESPÉCIES, TERRITÓRIO DE PESSOAS

ENTRE A ESTEPE E O GUADIANA

A serra de Alcaria Ruiva, com os seus 370 m de altitude e coberta por matagais onde predominam as aroeiras, os zambujeiros e o zimbro, é o ponto mais elevado do Parque Natural do Vale do Guadiana. Na serra existe um dormitório de grifos e de abutres-pretos, que acolhe indivíduos destas duas espécies fora do período reprodutor. Os matagais das suas encostas acolhem raposas, texugos, fuinhas e mais recentemente, o lince-ibérico.

A poente da serra e até ao horizonte, estende-se a estepe cerealífera de Castro Verde. Esta é uma das principais áreas do país onde ocorre a abetarda, símbolo das planícies do Alentejo. A estepe é ainda habitada por outras aves que dela dependem como

o sisão, cujo nome advém do som produzido pelas penas em voo, o rolieiro, vestido com o seu azul metálico, o cortiçol-de-barriga-preta, cujas penas do ventre absorvem a água que transportam para as crias, o mimético alcaravão, o elegante tartaranhão-caçador e a calhandra-real, cujo canto é dos mais característicos da paisagem alentejana. Na envolvente da serra, a estepe é substituída pelo montado de azinho.

Por ação humana, o bosque mediterrânico original foi dando lugar ao montado. Resultantes de uma relação milenar e harmoniosa entre a atividade humana e a natureza, os montados são ricos em biodiversidade, nomeadamente de espécies da fauna que os utilizam como local de nidificação,



Verbascum barnadesii



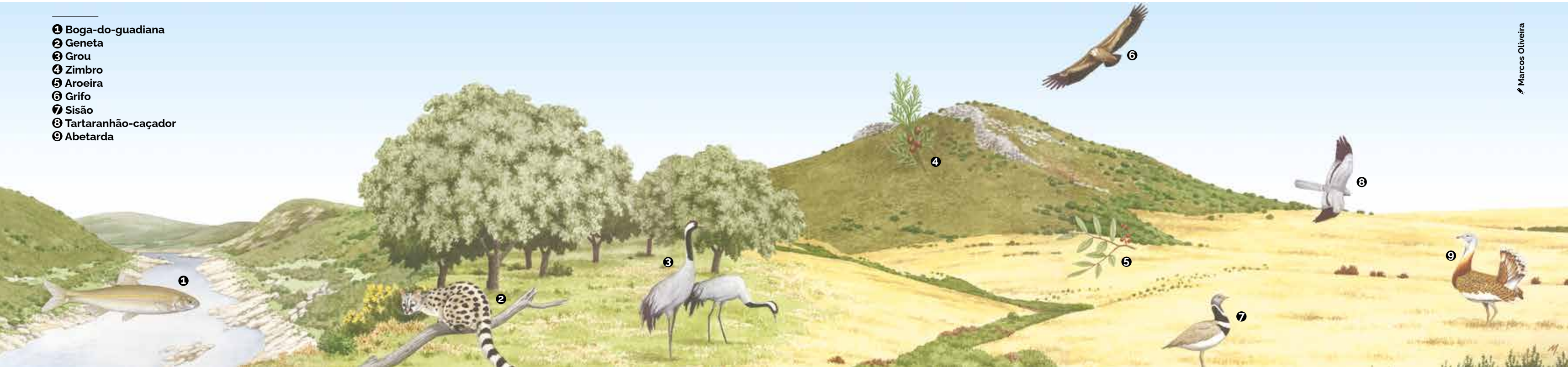
Centaurea ornata

de abrigo ou de alimentação. É nestas áreas que se podem encontrar espécies como a geneta, o lince-ibérico e o gato-bravo. No subcoberto do montado podemos encontrar aves que se alimentam de bolotas, como o pombo-torcaz e, no inverno, o grou.

Grifo e abutre-preto, junto a uma charca
POR CARLOS CARRAPATO
[tempo 00:10]



- 1 Boga-do-guadiana
- 2 Geneta
- 3 Grou
- 4 Zimbro
- 5 Aroeira
- 6 Grifo
- 7 Sisão
- 8 Tartaranhão-caçador
- 9 Abetarda



A ÁREA DO PNVG

A área do PNVG é muito diversificada e as distintas ocupações e usos do solo resultam dos condicionalismos biofísicos, devido aos fatores naturais e à ação humana.

32,16%

ÁREAS
AGRÍCOLAS

18,34%

ÁREAS
FLORESTAIS

9,14%

MATOS

26,24%

ÁREAS AGROSSILVO-
PASTORIS

11,20%

PRADOS
E PASTAGENS

2,92%

ÁREAS URBANAS,
PLANOS DE ÁGUA
E OUTRAS ÁREAS

Montado
extensivo

Os montados de azinho predominam nesta área, sendo o subcoberto ocupado por culturas arvenses de sequeiro, pastagens ou pousios, permitindo não só o desenvolvimento da pecuária mas também da caça, fruto das boas condições para as espécies cinegéticas.

Esta atividade tem um impacto económico muito importante na região, quer pelas receitas das zonas de caça quer pela compra de produtos e utilização de serviços, por parte dos(as) caçadores(as) e acompanhantes. As áreas florestais são compostas essencialmente por azinhais, pinhais (de pinheiro-manso), eucaliptais e sobreirais. De realçar o grande incremento de novas arborizações no final do século XX e início do séc. XXI, nomeadamente com recurso a pinheiro-manso, graças a financiamentos comunitários e nacionais para a florestação de terras agrícolas, tendo como objetivo o combate à desertificação (para conservação e proteção dos solos) já que, nesta região, o pinheiro-manso tem crescimento lento e não dá pinhões. Tanto nos espaços florestais como nos agrossilvopastoris é de destacar a capacidade de produção de outros produtos não lenhosos, como os apícolas (ex. mel), as plantas aromáticas e os cogumelos, sem esquecer a eventual exploração de bolota de azinheira, para outros usos que não apenas a alimentação animal.

Plantações
de pinheiro-
-manso



Rolieiro

João Carlos Farinha



Cortiçol-de-barriga-preta

Carlos Carrapato



Abertada

Carlos Carrapato



Rolieiros no ninho
POR CARLOS CARRAPATO
[tempo 00:10]



Tartaranhão-caçador
no ninho, com as crias
POR CARLOS CARRAPATO
[tempo 00:13]

O GROU

Portugal e Espanha constituem a principal área de invernada da população de grous da Europa Ocidental. Durante o inverno, em pequenos bandos, alimentam-se nas áreas de cultura extensiva de cereal e em zonas de montado de azinho. Ao final de cada dia os grupos reúnem-se e deslocam-se para os dormitórios.



Bando de grous
em deslocação
POR CARLOS CARRAPATO
[tempo 00:10]



Carlos Carrapato



Grou



Águia-imperial-ibérica

João Santos

A ÁGUIA-IMPERIAL-IBÉRICA

Ave de rapina de grande envergadura é uma espécie endémica do oeste do Mediterrânico estando a sua área de distribuição atualmente restrita à Península Ibérica. Na década de 80, do século XX, foi considerada extinta em Portugal, enquanto espécie reprodutora. Indivíduos isolados continuaram a ser observados mas a nidificação só voltou a ser confirmada em 2003, nas proximidades do Parque Natural do Tejo Internacional.

Em 2020 foram registados 21 casais reprodutores no Alentejo, mais sete casais do que em 2019. Em Portugal existem atualmente 24 casais reprodutores.

No Alentejo esta espécie distribui-se numa área de aproximadamente 6000 km² e através da monitorização dos indivíduos com recurso a emissores nos últimos cinco anos, verificou-se que as Zonas de Proteção Especial de Castro Verde e do Vale do Guadiana têm vindo a consolidar-se como as principais áreas de ocorrência da espécie em Portugal.

Monitorização de águia-imperial-ibérica. Colocação de emissores. Projeto LIFE Imperial



ICNF

Casal de águia-imperial-ibérica POR CARLOS CARRAPATO [tempo 00:11]



Geneta



Carlos Carrapato

Leirão



Carlos Carrapato

Gato-bravo



Carlos Carrapato

Leirão POR CARLOS CARRAPATO [tempo 00:13]



O LINCE-IBÉRICO

O vale do Guadiana, pelas suas características excecionais, foi a área selecionada para a reintrodução de lince-ibérico em Portugal no âmbito do projeto transnacional LIFE Iberlince.

Em tempos classificado como o felino selvagem mais ameaçado do mundo, o lince-ibérico, um superpredador dos ecossistemas mediterrânicos, voltou a estabelecer-se neste parque natural com uma nova população reprodutora.

Em dezembro de 2014 em São João dos Caldeireiros, foi realizada a primeira solta de um casal de lincos - a Jacarandá e o Katmandu - num cercado de aclimação. Nos anos seguintes o processo de libertação faseada foi acontecendo perante a entusiasmada assistência de alunos, professores, autarcas, agricultores, gestores cinegéticos, jornalistas, proprietários, decisores políticos e muitos residentes dos concelhos do parque. Em 2020 a espécie ocorre e reproduz-se nos concelhos de Mértola, Serpa, Castro Verde e Alcoutim.

Graças à participação das comunidades locais e de um aturado trabalho técnico em colaboração com Espanha, a reintrodução tem sido um sucesso e o lince-ibérico é um novo património emblemático do vale do Guadiana.

A sua presença, hoje com mais de 145 indivíduos na sua maioria jovens, deu origem a um novo equilíbrio nos ecossistemas. A presença do superpredador contribui para a manutenção das boas condições de sanidade nas populações de coelho-bravo e para o controlo das populações de outros predadores. Embora se trate de uma presença discreta, quem teve a oportunidade de observar um lince ao vivo no PNVG, diz tratar-se de uma experiência memorável. O lince-ibérico inscreve-se, decididamente, no imaginário de muitos e quase todos desejam observar um dos raros felinos selvagens da Europa.



ICNF

Solta pública em Romeiras,
Mértola - 2017
POR ICNF
[tempo 00:56]



Solta pública de lince em Serpa - 2018
POR ANGELO FERNANDES @AFSHOOT.COM
[tempo 03:31]



Angelo Fernandes @afshoot.com



Angelo Fernandes @afshoot.com



Lince-ibérico

Três anos no vale do Guadiana
- o caçador do silêncio
POR PEDRO SARMENTO
[tempo 23:45]



Um ano com o lince Mel
POR PEDRO SARMENTO
[tempo 07:04]



João Santos

O MATAGAL

No parque natural, as zonas de matagal mediterrânico restringem-se às encostas das maiores serras e aos vales encaixados dos cursos de água, como as margens do rio Guadiana e as dos seus maiores afluentes. Este habitat sobreviveu ao arroteamento das terras e às campanhas do trigo, sendo representativo daquele que seria o coberto natural do solo antes da intervenção humana. No seu conjunto é constituído por uma vegetação densa, extremamente importante para a conservação dos solos e para a retenção de água, uma vez que promove a infiltração e previne a erosão, minimizando assim a escorrência superficial e a ocorrência de fenómenos de ravinamento. Apesar de ser um ecossistema historicamente pouco valorizado, quer por proporcionar um baixo retorno económico dos usos quer por, talvez pelo mesmo motivo, ser pouco valorizado no imaginário das populações, as zonas de matagal mediterrânico, no entanto importantes e ricas em biodiversidade, e protegidas pela Diretiva Habitats.

João Carlos Farinha



Esteva

Matagal

Carlos Carrapato

Rio Guadiana



João Santos



Carlos Carrapato

Narcissus fernandesii Gomes-Pedro (junquilha-menor), espécie endémica da Península Ibérica, classificado como “em perigo” (EN), na recente publicação da SPB e Phytos – Lista Vermelha da Flora Vascular de Portugal Continental, 2020. Ocorre em prados naturais abertos e húmidos

CHEGÁMOS AO RIO...

É no vale do Guadiana, motivo principal de criação desta área protegida, que nos podemos deparar com os locais de maior beleza paisagística, como é o caso do troço onde o rio corre encaixado entre escarpas, imediatamente a jusante do acidente mais importante de todo o seu trajeto: o Pulo do Lobo.

O rio Guadiana e os seus afluentes acolhem uma fauna piscícola extremamente variada, tendo sido o último rio português onde existiu o solho ou esturjão tendo os últimos exemplares sido capturados nos finais dos anos 70 do século XX.



Cumba

Carlos Carrapato

EM TERRAS DO PULO DO LOBO

A origem do nome Pulo do Lobo estará relacionada com a distância existente entre as duas margens do Guadiana que ali permite que, de um pulo, se atravesse o rio.

Condicionado pelas paredes rochosas, o Guadiana é, aqui, vigoroso e fortemente erosivo. A testemunhá-lo está o leito rasgado pelas águas e que deu origem a uma garganta encaixada entre escarpas com 20 m de altura. Imediatamente acima um vale superior, mais antigo, registo de épocas passadas quando o rio apresentava um caudal maior, mais constante e mais espraiado.

O desnível do Pulo do Lobo formou-se durante a regressão marinha que ocorreu na fase glacial de Würm há mais de 10.000 anos. A dinâmica fluvial que se observa desde então tem a sua expressão mais evidente na persistente evolução do leito para a estabilização. Neste processo, para além das já referidas gargantas escarpadas, são testemunho do vigor do rio as marmitas de gigante, cavidades circulares escavadas na rocha originadas pelo movimento dos seixos em turbilhão e que são um dos aspetos geológicos e geomorfológicos mais curiosos que se podem observar no vale do Guadiana.



Miradouro do Pulo do Lobo

João Santos



Pulo do Lobo, cascata
POR JOÃO SANTOS
[tempo 00:22]

Pulo do Lobo



📷 Miguel Porto

Lavandula multifida



📷 Miguel Porto

Lagoecia cuminoides



📷 Miguel Porto

Cosentinia vellea

O Pulo do Lobo constitui um obstáculo natural à progressão dos peixes que passam a maior parte do seu ciclo de vida no mar e que sobem os rios para desovar (peixes migradores anádromos). Assim, no Pego do Sável, para além desta espécie cada vez mais rara, é ainda possível encontrar a emblemática lampreia.

As zonas de desova das espécies piscícolas caracterizam-se por possuírem velocidade de corrente moderada, água de boa qualidade e bem oxigenada e um substrato de cascalho fino, no qual os reprodutores preparam pequenas depressões onde depositam os ovos.

Respondendo às grandes variações de caudal e de velocidade da corrente e adaptadas a climas de extrema secura estival, o coberto vegetal que reveste as margens é predominantemente arbustivo. De entre as espécies presentes destacamos o loendro, o tamujo, a aroeira e a murta. Em alguns troços do leito antigo do rio Guadiana existem corredores de freixos, espécie de árvore também caraterística das linhas de água. A parte superior das encostas encontra-se coberta por rosmaninho e alecrim, espécies frequentes em toda a região mediterrânica e associadas a matos e matagais. Na primavera é visível a sucessão de cores proporcionada pela floração das diferentes espécies.

Neste local podem observar-se espécies de aves rupícolas, como a andorinha-das-rochas, nos seus voos acrobáticos em busca de insetos, a cia, o melro-azul, a cegonha-preta, a águia-imperial-ibérica, os grifos e ainda a águia-de-bonelli, a águia-real e o bufo-real, a maior ave de rapina noturna da Europa. Um recém-chegado a estas paragens é o andorinhão-cafre, espécie africana com registos de ocorrência como nidificante regular no vale do Guadiana nos últimos trinta anos.

📺
Melro-azul
POR CARLOS CARRAPATO
[tempo 00:13]



📺
Cegonha-preta
POR CARLOS CARRAPATO
[tempo 00:07]



FORMAÇÃO GEOLÓGICA DO PULO DO LOBO

A formação do Pulo do Lobo tem uma constituição geológica essencialmente xistosa (micaxistos, xistos luzentes e xistos verdes) mas também se podem observar quartzitos e vulcanitos. O conjunto patenteia fortes dobramentos, devido a ações tectónicas repetidas e que deixaram marcas ao longo de todo o vale. Estes acontecimentos terão ocorrido há 345 a 435 milhões de anos, entre o Silúrico e o Devónico, se bem que alguns estudos considerem que a idade da formação é ainda indeterminada.

Corredoura, um vale encaixado que se estende para sul do Pulo do Lobo ao longo de 4 km

📷 João Santos

MOINHO DOS CANAIS

O nome deste local está relacionado com a presença das duas armadilhas de pesca fixas no leito do rio, o caneiro e o cegonho, mais a jusante. O açude de pedra, que alimentou estas duas armadilhas, serviu também o moinho de rodete na margem direita e, em período anterior, as duas moagens com rodízios que o ladeiam. Possui ainda um ladrão de água coberto por pontão.

Moinho dos Canais

📷 João Carlos Farinha

OS CANAIS DO GUADIANA

O *s caneiros* são estruturas tradicionais existentes nos canais, destinadas à pesca dos peixes migradores do Guadiana. Ao longo de séculos, a pesca com recurso a estas armadilhas constituiu o sustento de muitas gerações de pescadores e respetivas famílias. Neste lugar, o coberto vegetal circundante é dominado por matagais de zimbros e ainda por alecrim e rosmaninho, intercalados com áreas rochosas. As espécies que constituem os matos apresentam características morfológicas que lhes permitem sobreviver à radiação solar intensa e à ausência prolongada de água. Nas encostas mais suaves ou onde o solo foi mais recentemente sujeito a intervenção humana o revestimento vegetal é constituído pelas estevas, com folhas cobertas por uma resina aromática que reflete a radiação solar, e pela roselha-grande, cujas folhas apresentam pelos que evitam a perda de água. Outra estratégia de combate à secura consiste na redução das folhas a espinhos, diminuindo, assim, a superfície de transpiração, como sucede com o tojo-molar. Todas estas plantas arbustivas são importantes para a fixação e proteção do escasso solo e para a sua lenta, mas efetiva, recuperação.

No açude, que se associa aos moinhos de água, existe uma área de remanso onde as lontras se alimentam. Portugal tem um papel muito importante na conservação desta espécie, uma vez que é dos poucos países onde ocorrem populações viáveis e onde não se terão registado alterações significativas da área de distribuição. Esquiva e com hábitos crepusculares ou noturnos, a presença da lontra-europeia é geralmente detetada pelas pegadas e dejetos, de cheiro caraterístico, e compostos por escamas de peixes e restos de lagostins.

A bacia do rio Guadiana é bastante rica em espécies piscícolas. Para além das diferentes espécies de barbos e bogas, ocorrem aqui, entre outras, a lampreia, o sável, a saboga e a enguia-europeia. Na parte portuguesa da bacia hidrográfica ocorrem quatro espécies de

Narcissus jonquilla

📷 Ana Júlia Pereira

barbos: a cumba; o barbo-de-cabeça-pequena; o barbo-do-sul; e o barbo-de-steindachner.

Outrora abundantes, as populações de sável estão atualmente bastante rarefeitas no Guadiana, fruto da alteração dos caudais e da pesca desregrada do meixão.


Canais
POR JOÃO CARLOS FARINHA
[tempo 00:19]



AS AZENHAS

Já longe da turbulência do Pulo do Lobo, o Guadiana espraia-se na proximidade de Mértola. Aqui, nas azenhas, faz-se sentir a maré, apesar da foz se situar a cerca de 70 km a jusante, em Vila Real de Santo António. A acumulação de sedimentos, provenientes das áreas a montante, origina pequenas ilhas nas quais se desenvolve uma luxuriante vegetação ribeirinha dominada por salgueiros e por freixos. Para além destas espécies ocorre também o loendro, omnipresente ao longo do troço médio do rio Guadiana. Nas margens temporariamente alagadas em picos de cheia ocorre o tamujo, cujo nome científico - *Flueggea tinctoria* - indicia o seu uso tradicional em tinturaria.

Nestas matas ribeirinhas, que abrigam grandes quantidades de insetos, encontra-se uma grande variedade de aves insetívoras como o rouxinol-bravo, a felosa-comum e o menos comum rouxinol-pequeno-dos-caniços.

Na proximidade das margens ou nas zonas de remanso encontramos aves piscívoras como a cegonha-branca, a garça-real, a garça-vermelha, o goraz e ainda o veloz guarda-rios que, pousado num ramo, perscruta a água em busca da silhueta de um peixe, mergulhando rapidamente para o apanhar.

Devido à influência das marés, neste local existe uma grande diversidade de peixes, pois, para além dos migradores, juntam-se-lhes espécies marinhas, como o muge, ou tainha, e o robalo.



Rumex thyrsoides

Miguel Porto

João Santos



Azenhas
POR JOÃO SANTOS
[tempo 00:25]

Azenhas

Ribeira do Vascão

A RIBEIRA DO VASCÃO

Da bacia hidrográfica do Guadiana, esta é uma das ribeiras em melhor estado de conservação. No inverno, as suas águas correm revoltas, arrastando lamas e sedimentos, abrindo caminho entre o vale, transportando consigo vegetação seca e velha, para, na primavera, rejuvenescer com águas límpidas e frescas. Com a chegada do tempo quente, a água vai correndo em fio, até se reduzir a pegos, onde a ictiofauna se refugia, resistindo a temperaturas elevadas e a baixos teores de oxigénio.

Estas condições de stress são responsáveis pela diversidade de peixes presentes. O prolongado isolamento levou à sua especiação, pelo que, entre as 18 espécies de peixes nativas existentes na bacia hidrográfica do Guadiana (incluindo o troço espanhol), duas são endémicas desta bacia e oito são endemismos ibéricos.

Pela sua raridade e importância para a conservação da natureza destacam-se o a boga-do-guadiana e o barbo-de-cabeça-pequena, espécies endémicas da bacia do Guadiana, a cumba e o saramugo, espécies endémicas da Península Ibérica e bastante raras, e o caboz-

Eryngium galioides



Caboz-de-água-doce

Carlos Carrapato



Boga-do-guadiana

Carlos Carrapato

-de-água-doce, que em Portugal só existe no Guadiana. Respondendo às grandes variações de caudal e à velocidade da corrente, o coberto vegetal que reveste as margens é predominantemente arbustivo, destacando-se o loendro e o tamujo, ambos característicos de zonas ribeirinhas adaptadas a climas de extrema secura estival. As encostas que ladeiam a ribeira encontram-se cobertas por estevas, espécie característica de solos pobres e degradados, resultantes de intensa exploração agrícola. Devido à escassez do coberto vegetal e aos declives acentuados, algumas destas vertentes estão muito expostas e são por isso suscetíveis a fenómenos erosivos intensos. Na ribeira do Vascão é comum observarem-se vestígios da presença de lontra, que encontra refúgio entre a mata ripícola e alimento entre tão grande riqueza piscícola.



Ribeira do Vascão
POR JOÃO SANTOS
[tempo 00:42]



Ribeira do Vascão

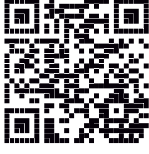
João Santos

O SARAMUGO

O saramugo é a espécie de peixe dulçaquícola residente mais emblemática deste parque natural, pois a sua distribuição apenas ocorre nas bacias hidrográficas do Guadiana e do Guadalquivir. Em Portugal, tem-se verificado a regressão das suas populações de forma acentuada, apresentando atualmente uma abundância reduzida e uma distribuição muito fragmentada. Das dez ribeiras afluentes do rio Guadiana onde se observava no início do século XX, hoje apenas existe em cinco. O atual Livro Vermelho dos Vertebrados de Portugal vem rever o seu anterior estatuto de ameaça e classifica-o como “Criticamente em Perigo de Extinção”. É aqui, nas ribeiras do Vascão e da Foupana, que se encontram as populações mais significativas. A sede do Parque Natural tem desde 2005 uma reserva genética de cada população com o objetivo de preservar e reproduzir para repovoar. As cinco populações ainda existentes não se encontram há mais de 750 000 anos razão pela qual cada tanque de reprodução está devidamente individualizado para manter as características específicas de cada população.



Plano de Ação do Saramugo
(*Anaocypris hispanica*) |
2012-2016
[84 páginas]





Saramugo
POR CARLOS CARRAPATO
[tempo 00:58]





Ação de libertação de saramugos
na ribeira do Vascão
POR ANA CRISTINA CARDOSO
[tempo 01:02]



Saramugo

Carlos Carrapato



Caracterização da ribeira do Vascão

Carlos Carrapato



Monitorização do saramugo na bacia do Guadiana no âmbito do projeto LIFE

Hugo Louisa

POVOADOS

VILA DE MÉRTOLA

Subindo pelo Guadiana, Mértola surge repentina e sorrateira como um Lince, na margem do Grande Rio do Sul. Marca do limite navegável desta linha de água que transportou povos, histórias e estórias, em suma culturas, até bem dentro do Alentejo, tem origens remotas, preservadas desde o Neolítico.

Vivida pelos fenícios, há pouco menos de 3000 anos, como entreposto comercial em terras estranhas é no entanto, durante o Império Romano, que se destaca nas rotas do Mediterrâneo ocidental com o nome de Mirtylis Iulia. Mais tarde denominada *Martulah*, o porto mais ocidental deste mar sob forte domínio árabe desde o século VIII, foi, 400 anos mais tarde a capital independente de um diminuto emirado islâmico, a Taifa de Mértola. Conquistada por D. Sancho II, só nos séculos XVI e XVII, a exportação de cereais para novas ocupações portuguesas do Norte de África produz um crescimento da vila, comparável àquele que veio a ocorrer no final do século XIX, com a exploração intensiva da jazida mineral de S. Domingos. As civilizações que por aqui passaram deixaram testemunhos da sua permanência por todo o território histórico da vila de Mértola, que é também suporte de um património geobiológico inigualável.



Igreja Matriz, antiga mesquita

João Carlos Farinha

Câmara Municipal de Mértola



O Património Cultural
PROMOTOR ADPM
[tempo 03:36]

Rio Guadiana,
Mértola

CASA DO LANTERNIM

A Casa do Lanternim é um exemplo notável das casas senhoriais que a nova burguesia agrária, saída das revoluções liberais da primeira metade do século XIX, construiu nas sedes dos concelhos. Com uma área de implantação de 450 m², o edifício é localmente conhecido como “casa do lanternim”, devido ao elemento arquitetónico singular que permitia a iluminação natural das escadas entre pisos e, simultaneamente, a ascensão, e eliminação, do ar quente a partir do interior do edifício. Esta funcionalidade permitia a regulação natural da temperatura no interior do edifício. Adquirido pela Câmara Municipal de Mértola em 1987, o imóvel foi vendido ao Ministério do Ambiente para aí se instalar a sede

do Parque Natural do Vale do Guadiana, o que veio a acontecer em 2006. O projeto de recuperação, com o programa de Centro Polivalente de Interpretação e Divulgação, esteve a cargo de Arnaldo Grilo, Raul Veríssimo e Eduardo Osório Gonçalves, arquitetos, e de Joaquim Lima, engenheiro civil, todos elementos do quadro de pessoal do Instituto da Conservação da Natureza. No piso térreo dispõe de zonas de acesso público, com auditório e espaço expositivo, acolhendo nos dois pisos superiores as áreas administrativa e técnica. Admiravelmente integrado numa apertada malha urbana, este velho/novo edifício continua pelas suas características, a constituir um elemento diferenciador e notável na vila de Mértola.



Castelo de Mértola

João Santos



Inauguração da sede do PNVG, a 23 de maio de 2006

João Carlos Farinha



João Carlos Farinha



João Carlos Farinha



Mértola

Rui Carvalho



Morcego-hortelão-claro

Carlos Carrapato



Mértola
POR JOÃO SANTOS
[TEMPO 00:42]

Mértola

João Santos

Torre do
Relógio

Rui Carvalho



Peneireiro-das-torres

Carlos Carrapato



Campanha de anilhagem de peneireiro-das-torres

ICNF

PENEIREIRO-DAS-TORRES

O peneireiro-das-torres é uma espécie migradora, colonial e fortemente ameaçada a nível mundial. Em Portugal, onde a espécie ocorre na primavera e verão, existem atualmente de 700 a 750 casais, repartidos por várias colónias, estando também referenciados casais isolados. A colónia da vila de Mértola é a única colónia urbana em Portugal. As muralhas e o castelo de Mértola, bem como outras estruturas edificadas antigas que apresentem cavidades, são utilizadas como local de nidificação por esta espécie. Na primavera é frequente observar a disputa pela posse dos ninhos com a gralha-de-nuca-cinzenta. Para além da necessidade de locais para realizarem a postura, o sucesso reprodutor está dependente da disponibilidade de insetos para a alimentação, nomeadamente gafanhotos e coleópteros, bem como para a alimentação das crias que podem variar, regra geral, de três a cinco. Revela-se por isso da maior importância que, na proximidade das áreas de reprodução existam territórios com aptidão para a alimentação da espécie, espaços abertos onde se pratique a agricultura extensiva tradicional (nomeadamente a cerealicultura rotativa de sequeiro) com baixo uso de fitofármacos e pesticidas.



Peneireiro-das-torres, ninho com crias
POR CARLOS CARRAPATO
[tempo 00:09]



Ponte da Ribeira de Oeiras

Rui Carvalho



Serpa - Porta de Beja, muralhas e oliveira secular

João Santos

CIDADE DE SERPA

Visível desde longe, pousada num alto como uma selvagem águia-de-bonnelli, a cidade de Serpa é sede de um dos maiores municípios do país.

Carregada de vestígios arqueológicos que atestam a antiguidade do assentamento humano neste local, a cidade é hoje um dos mais bem preservados conjuntos arquitetónicos do Baixo Alentejo, numa harmonia indisfarçável de antigos traçados e edificações, continuamente reinterpretados pela atividade humana a cada tempo sua contemporânea. O território rural que a rodeia, de pastagens, vinhas, montados de sobre e azinho e também oliveiras centenárias, é

suporte natural de uma rica biodiversidade, justificando a integração da parte sul do território concelhio no Parque Natural do Vale do Guadiana. Destaque particular para o vale encaixado da ribeira de Limas, suporte de um sistema biológico ancorado ao Guadiana, coerente e bem preservado, onde é possível encontrar um elenco de espécies da flora e da fauna selvagens muitíssimo variado e, na margem esquerda junto ao rio que constitui a sua fronteira natural, numa fabulosa panorâmica, onde ocorre o famoso Pulo do Lobo, uma sucessão de pequenas cascatas e rápidos que cria, pela sua dimensão, um conjunto geológico único no contexto nacional, a “Corredoura”.

Mina de São Domingos



João Santos

DA MINA DE SÃO DOMINGOS AO POMARÃO

No espaço de pouco mais de uma década, a empresa exploradora britânica *Mason and Barry* fez construir em Portugal o maior e mais importante complexo industrial mineiro do seu tempo, que laborou entre 1857 e 1967. A Mina de São Domingos.

A disponibilidade de minério neste lugar era conhecida desde há muitos séculos e, aquando da instalação da empresa no século XIX, foram recolhidos numerosos vestígios arqueológicos - em especial da época romana – testemunho da exploração do recurso no passado.

A viabilidade económica deste centro mineiro dependia da capacidade de escoamento do minério. Era condição fundamental minimizar o tempo e os custos de escoamento a partir de local tão ermo. Para vencer a distância entre a mina e a margem portuguesa do Guadiana, a empresa instalou uma das primeiras linhas ferroviárias do país, originalmente um *tramway* ou caminho-de-ferro americano, numa extensão de 17 km, que ligava a mina a um ponto do rio navegável, o Pomarão. Neste lugar, a empresa construiu um aldeamento e levantou dois cais para barcas, tipo fragatas. Para uma

maior rentabilidade económica, era necessário melhorar as condições de navegabilidade do rio Guadiana até à sua foz, permitindo a circulação de embarcações de maior calado, pelo que a empresa mineira promoveu o desassoreamento da foz e a dragagem do rio.

Estava assim organizado um corredor, aproveitando as vias então mais rápidas - ferroviária e fluvial - para transportar o minério desde o local de extração até Vila Real de Santo António.

Por altura do virar do século (do século XIX para o século XX, entenda-se) e nas primeiras décadas do século XX, no contexto duro e penoso em que se encerra a atividade mineira (então, infinitamente mais penoso e duro que nos dias de hoje) o inóspito interior de um concelho raiano viu crescer um lugar que acolhia aproximadamente cinco mil habitantes, que dispunha de energia elétrica, clube e campo de futebol, sala de cinema, courts de ténis, grupos culturais e todo um conjunto de outras representações de urbanidade que só chegariam à generalidade das sedes de concelho alentejanas algumas décadas mais tarde.



João Carlos Farinha



João Carlos Farinha

Pomarão



João Carlos Farinha



João Carlos Farinha

ROTA DO CONTRABANDO

Nas margens do rio Guadiana e do rio Chança existiam postos destinados ao policiamento e ao controlo da fronteira. A atividade de contrabando que existia em ambos os lados da fronteira foi mais intensa durante a Guerra Civil de Espanha (1936 a 1939) e no período que se lhe seguiu, até aos anos 60 do século XX. Esta atividade era em alguns casos complementar à economia doméstica das populações raianas gerando, à sua volta, um circuito económico paralelo muito aliciante e não menos arriscado para todos os que, direta ou indiretamente, nele se envolveram. As condições precárias do sistema produtivo na região, que dependia exclusivamente da agricultura e da exploração do minério, assim como a instabilidade política em Espanha, contribuíram para

que o contrabando assumisse um grande protagonismo nesse período. Esta atividade era realizada a pé ou com recurso a animais de carga, durante a noite e geralmente em quadrilhas. O percurso demorava entre três e quadro noites, até ao local de encontro previamente combinado com o receptor da mercadoria. Os produtos que circulavam eram de todo o tipo, mas os mais rentáveis eram o café e o tabaco e os mais comuns eram a farinha, o arroz, o açúcar, as roupas, o conhaque, o sabão, o grão e o feijão. No entanto, apesar dos riscos associados, passar a fronteira com uma carga de café ou tabaco, permitia ganhar, numa noite, o que numa semana se ganhava com a agricultura doméstica ou como assalariado agrícola.



Vista da casa do Canavial (antigo posto da Guarda-Fiscal) para o Pomarão e foz do Chança, rio que faz fronteira entre Portugal e Espanha

João Santos



Marcos Oliveira

CAPÍTULO

6

TURISMO DE NATUREZA

Territórios do Lince
PROMOTOR ADPM
 [tempo 02:51]



À DESCOBERTA DE SÍTIOS ÚNICOS

O Parque Natural do Vale do Guadiana oferece lugares singulares marcados pelo ritmo das diferentes estações do ano que aqui dão um colorido particular à paisagem, convidando a passeios a pé ou de bicicleta, piqueniques, observação de aves, atividades náuticas ou pesca. Desfrutar desta área protegida é possível através de uma rede de percursos pedestres sinalizados, nomeadamente pequenas rotas, bem como da Grande Rota do Guadiana (GR15) ou o Caminho de Santiago. Destacam-se ainda as Estações da Biodiversidade, percursos interpretativos sinalizados, que permitem melhor descobrir a fauna e a flora do parque natural.

Os passeios de aventura e descoberta fora dos circuitos mais convencionais, que a prática do todo-o-terreno oferece, são ainda outra oportunidade para se descobrirem recantos no vale do Guadiana.

As águas do Grande Rio do Sul, especialmente em dias de tempo agradável, convidam a um passeio de barco, canoa ou até *paddle*, a relembrar rotas ancestrais. Nos dias mais quentes é uma experiência muito refrescante!

A região também oferece oportunidades únicas para experienciar a escuridão do céu noturno, e observar estrelas durante a maior parte do ano. A Reserva *Dark Sky® Alqueva* integra a rede de *Tourist Destination Starlight*, certificação atribuída pela Fundação Starlight. Foi a primeira região a receber este reconhecimento mundial, que hoje engloba áreas de concelhos portugueses e espanhóis. São muitas as atividades de observação astronómica a olho nu, ou com recurso a telescópios, que permitem descobrir a beleza do céu profundo.

A tradição alentejana é aqui enriquecida pela existência do Guadiana e pelo que de melhor as suas gentes produzem. O pão é a base fundamental da gastronomia e a sua criatividade dá vida a deliciosos pratos onde as carnes de vaca mertolenga, o borrego campaniço, o porco alentejano e o javali, o peixe do rio, o coelho, a lebre e a perdiz são temperados e ligados por ricas ervas aromáticas e outras plantas silvestres, como os espargos, e ainda as túberas e outros cogumelos.



Centro de Interpretação e Observação do Lince-
 -ibérico, em São João dos Caldeireiros



Museu de
 Arqueologia
 de Mértola

Sem esquecer os enchidos e o presunto. O queijo Serpa está certificado com Denominação de Origem Protegida - Serpa DOP e é um dos produtos mais emblemáticos do Alentejo, sendo, talvez, o herdeiro do mais antigo queijo produzido em Portugal. O vinho da região não pode faltar à mesa, até porque vestígios arqueológicos atestam a antiguidade da sua produção, sendo que as encostas do Guadiana o produzem há séculos. Já no que toca aos doces, não perder as costas e as popias, nem as queijadas e a tarte de requeijão. De provar ainda as compotas e o mel de rosmaninho, ao sabor de uma infusão de ervas aromáticas que aqui crescem.

Ao longo do ano são diversos os eventos de cariz popular. Destaque para o Festival Islâmico de Mértola, que acontece de dois em dois anos e que celebra a herança árabe deste território. Há ainda em Mértola, o “Festival do Peixe do Rio” e a “Feira da Caça”. Já em Serpa, o evento de eleição relacionado com a gastronomia e doçaria é a “Feira do Queijo do Alentejo”. Na vertente direcionada à divulgação do património musical, de salientar o “Cante Fest” e o “Musibéria - Encontro de Culturas”.



© Rui Carvalho

© Nuno Antunes - Portugal Wildscapes, Revelamos.com



Minas de São Domingos

REDE DE PERCURSOS PEDESTRES DO PARQUE NATURAL DO VALE DO GUADIANA

- PR 1 Guadiana, o Grande Rio do Sul | 6,1 km
 - PR 2 Os canais do Guadiana | 3,6 km
 - PR 3 As margens do Guadiana | 10 km
 - PR 4 À volta do montado | 13,5 km
 - PR 5 Ao ritmo das águas do Vascão | 4,5 km
 - PR 6 Entre a estepe e o montado | 11 km
 - PR 7 Subida à Senhora do Amparo | 3 km
 - PR 8 Um percurso ribeirinho | 2,5 km
 - PR 9 Entre o Escalda e o Pulo do Lobo | 5,5 km
 - PR 10 Rota do Minério | 14 km
 - PR 11 Circuito urbano da Mina de S. Domingos
-
- GR 15 Rota do Guadiana (Mértola) | 92 km



Percursos pedestres do PNVG
www.natural.pt



NaturalIPTrails
Aplicação que divulga os percursos pedestres, cicláveis, equestres e de automóvel, na Rede Nacional de Áreas Protegidas. Associada à marca Natural.PT, esta ferramenta valoriza os produtos e serviços associados às áreas protegidas e ao turismo natureza.



REDE DE ESTAÇÕES DA BIODIVERSIDADE (EBIO) - MÉRTOLA

As Estações da Biodiversidade (EBIO) são percursos pedestres interpretativos e educativos que estão sinalizados no terreno através de painéis informativos que reportam os valores naturais em presença a observar pelos visitantes. Cada estação está localizada num local de elevada riqueza específica e paisagística, representativa dos habitats característicos da área.

- 1 EBIO Estação da Biodiversidade da Bombeira
- 2 EBIO Estação da Biodiversidade da Ribeira doVascão

Desde 2010 que as entidades responsáveis pelas estações são, para além do Tagis – Centro de Conservação das Borboletas de Portugal, o Museu Nacional de História Natural e da Ciência e o Centro de Ecologia, Evolução e Alterações Ambientais.

Para ajudar a descobrir a biodiversidade destes 2 itinerários, foi criado um **KIT DE EXPLORADOR** e um **GUIA DE CAMPO** em formato impresso e E-Book

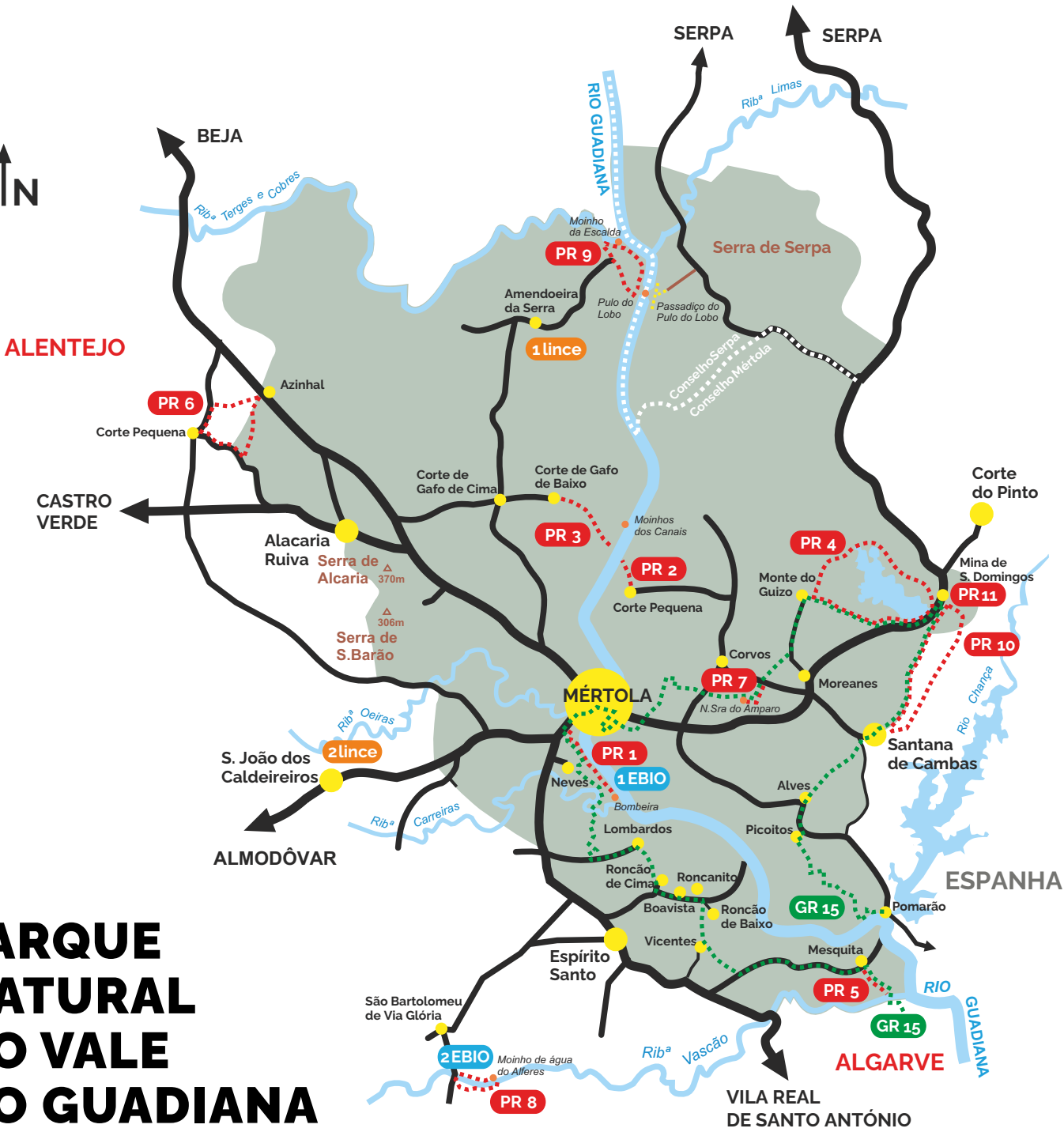


POR TERRAS DO LINCE-IBÉRICO

Por Terras do Lince-ibérico é um projeto de valorização da região que com base no seu património natural e cultural associado a um fator diferenciador de elevado impacto – a presença de uma espécie selvagem em vias de extinção: o lince-ibérico. O projeto, financiado pelo Progarma Valorizar, do Turismo de Portugal, foi implementado pela Associação de Defesa do Património de Mértola - ADPM, com o apoio do PNVG.

- 1 lince Centro de Interpretação do Lince-ibérico (no Cipas - Centro de Interpretação da Amendoeira da Serra)
- 2 lince Centro de Interpretação e Observação do Lince-ibérico

PARQUE NATURAL DO VALE DO GUADIANA



CAPÍTULO

7

VIVER (N)O PARQUE NATURAL

Apanha de rosmaninho verde
© Maria Bastidas / ADPM

A SUSTENTABILIDADE DO TERRITÓRIO

O parque natural insere-se num contexto geohistórico mediterrânico e, portanto, de antiga e profunda presença humana que desde tempos remotos, vem sendo um fator decisivo no desenho da paisagem do vale do Guadiana.

Já no século XX o espaço rural foi profundamente transformado devido às opções políticas estratégicas e de apoio à gestão do território, como a Campanha do Trigo levada a cabo pelo Estado Novo ou, mais recentemente a conversão de áreas de uso agrícola em áreas de uso florestal. Testemunhos desta presença no território restam os montes, assentos de lavoura que englobavam as moradias do proprietário e dos assalariados rurais e ainda o rol de construções destinadas à agricultura e à pecuária.

Estas construções são uma das marcas mais características da paisagem do parque natural.

Atualmente a silvopastorícia continua a ser a base de vários produtos locais como a carne e os queijos de cabra e ovelha. As áreas de matos são muito importantes para outras atividades como a apicultura, a caça, a produção de plantas aromáticas e medicinais ou ainda a recolha de cogumelos silvestres, que também fazem parte da economia local.

A alteração do regime jurídico da atividade cinegética verificada na transição do século e que praticamente suprimiu os terrenos de caça livre, aliada às características fundiárias prevaletentes, com propriedades de grande dimensão, conduziram à criação de áreas de regime cinegético ordenado, maioritariamente turísticas. Complementarmente verificou-se a reconversão de alguns apoios agrícolas em unidades de alojamento turístico o que veio proporcionar alternativas económicas interessantes, incluindo a criação de novas unidades de turismo rural e até mesmo a construção de novas estruturas turísticas nas sedes dos concelhos de Mértola e de Serpa e em alguns povoados.

Maria Bastidas / ADPM



Destilaria de rosmaninho verde

Rui Carvalho



Apanha de túberas

ADPM



Produção de queijo de ovelha

Criação de rainhas (ações de formação dadas pela Associação Apiguadiana)



Pedro Rocha



Pedro Rocha

Vinha ao longo do vale do Guadiana



João Santos

A OVELHA CAMPANIÇA

«É o retrato do solar que a fez nascer. Quando dela falamos é inevitável referir a rusticidade que a caracteriza e que, dada a aspereza dos condicionalismos em que vive, assume contornos notáveis. Esta notabilidade está patente na sobriedade com que suporta os rigores do clima, na frugalidade e na estoicidade que caracterizam o seu sustento, nas léguas que calcorreia em busca dele, na pujança do instinto maternal e em tantas outras características que tão bem a dotam para, mais que sobreviver, gerar riqueza na terra que a acolhe. Esta riqueza vê-se, come-se, sente-se. Os seus produtos gozam de fama suficiente para dispensar apresentações de maior. Foi, originalmente, uma das principais obreiras do queijo Serpa, a sua lã é das mais procuradas para tecer os fios que dão corpo aos tapetes de Arraiolos, a sua carne é de uma sapidez ímpar. O seu

maior bem é contudo a sua adaptação à terra que a moldou. Não fora um certo «racionalismo» económico e teria certamente um futuro radioso. Contudo, aquele tornou-a pouco apetecível, relativamente às suas semelhantes maiores, mais produtivas, mais «standard», e quase a extinguiu. Hoje, com um estatuto de «terceira idade», assume a função de reserva de genes, é rotulada de «recurso genético» e cria campo para um eventual recuo do «racionalismo» que quase a matou. Para que a memória dos homens não seja curta, a preservação de um tal património deverá ser assumida por todos, pelo país, para que, um dia, a ovelha Campaniça possa contribuir para voltar a humanizar a região que a criou».

JOÃO MADEIRA

Rebanho de ovelha campaniça



João Madeira



Carlos Carrapato

Gamo



João Romba - Junta de Freguesia de Mértola

Perdizes



Perdizes
DE CARLOS CARRAPATO
[tempo 00:11]

Produtos elaborados de acordo com técnicas e motivos da tecelagem tradicional de Mértola, utilizando lã (ex. mantas tradicionais alentejanas), linho, algodão (ex. toalhas, meias), tecidos velhos e peles.



João Santos



Oficina de Ourivesaria (Nádia Torres)
POR JOÃO SANTOS
[tempo 00:31]



João Santos



Cooperativa Oficina de Tecelagem de Mértola, CRL (Maria Helena Rosa)
POR JOÃO SANTOS
[tempo 00:58]



Pesca no rio Guadiana pelo «Ti Leo»

No rio Guadiana longe vão os tempos do apogeu da sua atividade de pesca profissional subsistindo, no entanto, alguns núcleos piscatórios em Mértola e Pomarão. As espécies mais procuradas são as migradoras mas os barbos e as bogas são também alvo de captura e fazem parte da gastronomia local.

A classificação do vale do Guadiana como parque natural e o crescente interesse pelo turismo de natureza, alavancado primeiro pela observação de aves e pelas atividades náuticas no rio Guadiana e, mais recentemente, pela reintrodução de uma espécie emblemática – o lince-ibérico – veio também promover o estabelecimento de pequenas empresas que se especializaram neste tipo de oferta turística.



Nuno Antunes - Portugal Wildscapes, Revelamos.com

No rio Guadiana longe vão os tempos do apogeu da sua atividade de pesca profissional subsistindo, no entanto, alguns núcleos piscatórios em Mértola e no Pomarão. As espécies mais procuradas são as migradoras, mas os barbos e as bogas são também alvo de captura e fazem parte da gastronomia local.

Diferentes modos de vida persistem hoje para quem vive no parque e múltiplas vivências são reveladas a quem o visita ou aqui reside temporariamente. O aumento de visitantes que procuram estes territórios e os seus valores naturais, culturais e sociais, constituiu paralelamente um motor para a retoma de algumas atividades económicas locais como, por exemplo, a confeção e venda de produtos tradicionais de origem local ou regional.

A operacionalização de estratégias para o desenvolvimento sustentável do território, em que as atividades humanas continuem a compatibilizar-se com a valorização e promoção da biodiversidade, é ainda a missão do parque natural e da sua gestão.

ESPÉCIES CITADAS NO TEXTO

FAUNA

- Abetarda *Otis tarda*
- Abutre-do-egipto *Neophron percnopterus*
- Abutre-preto *Aegypius monachus*
- Águia-de-bonelli *Aquila fasciata*
- Águia-imperial-ibérica *Aquila heliaca*
- Águia-real *Aquila chrysaetos*
- Alcaravão *Burhinus oedicephalus*
- Andorinha-das-rochas *Ptyonoprogne rupestris*
- Andorinhão-cafre *Apus caffer*
- Barbo-de-steindachner *Luciobarbus steindachneri*
- Barbo-de-cabeça-pequena *Luciobarbus microcephalus*
- Barbo-do-sul *Luciobarbus sclateri*
- Boga-do-guadiana *Pseudochondrostoma willkommii*
- Bufo-real *Bubo bubo*
- Caboz-de-água-doce *Saltria fluviatilis*
- Calhandra-real *Melanocorypha calandra*
- Cegonha-branca *Ciconia ciconia*
- Cegonha-preta *Ciconia nigra*
- Cia *Emberiza cia*
- Coelho-bravo *Oryctolagus cuniculus*
- Cortiçol-de-barriga-preta *Pterocles orientalis*
- Cumba *Luciobarbus comizo*
- Enguia-europeia *Anguilla anguilla*
- Felosa-comum *Phylloscopus collybita*
- Fuinha *Martes foina*
- Garça-real *Ardea cinerea*
- Garça-vermelha *Ardea purpurea*
- Gato-bravo *Felis silvestris*
- Geneta *Genetta genetta*
- Goraz *Nycticorax nycticorax*
- Grifo *Gyps fulvus*
- Grou *Grus grus*
- Guarda-rios *Alcedo atthis*
- Javali *Sus scrofa*
- Lampreia *Petromyzon marinus*
- Leirão *Elyomis quercinus*

- Lince-ibérico *Lynx pardinus*
- Lontra-europeia *Lutra lutra*
- Melro-azul *Monticola solitarius*
- Morcego-hortelão-claro *Eptesicus isabellinus*
- Muge ou tainha *Liza spp.*
- Peneireiro-das-torres ou francelho-das-torres *Falco naumanni*
- Pombo-torcaz *Columba palumbus*
- Raposa *Vulpes vulpes*
- Robalo *Dicentrarchus labrax*
- Rolieiro *Coracias garrulus*
- Rouxinol-bravo *Cettia cetti*
- Rouxinol-pequeno-dos-caniços *Acrocephalus scirpaceus*
- Saramugo *Anaocypris hispanica*
- Sável *Alosa alosa*
- Savelha ou saboga *Alosa fallax*
- Sisão *Tetrax tetrax*
- Solho ou esturjão *Acipenser sturio*
- Tartaranhão-caçador *Circus pygargus*
- Texugo *Meles meles*

FLORA

- Alecrim *Rosmarinus officinalis*
- Aroeira *Pistacia lentiscus*
- Azinheira *Quercus rotundifolia*
- Esteva *Cistus ladanifer*
- Freixo-comum *Fraxinus angustifolia*
- Loendro *Nerium oleander*
- Murta *Myrtus communis*
- Roselha-grande *Cistus albidus*
- Rosmaninho *Lavandula stoechas*
- Salgueiro-preto *Salix atrocinerea*
- Sobreiro *Quercus suber*
- Tamujo *Flueggea tinctoria*
- Tojo-molar *Genista triacanthos*
- Zambujeiro *Olea europaea* var. *sylvestris*
- Zimbro *Juniperus turbinata* var. *turbinata*

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

Boiça, J. e R. Mateus, J. Revez e S. Cascalheira (coord. institucional) e R. Mateus (coord. geral), 2014. Mértola, Roteiro de história urbana e património. Associação de Defesa do Património de Mértola. 272pp.

Cardoso, A. C., P. Rocha, S. Fialho, J.C. Farinha, P. Rito e E. Silva, E., 2008. Plano de Gestão do Vale do Guadiana – Parque Natural do Vale do Guadiana e Zona de Proteção Especial do Vale do Guadiana. ICNB. 144pp.

Cardoso, A.C. e C. Carrapato, 2000. Aves do Parque Natural do Vale do Guadiana. Instituto da Conservação da Natureza / Parque Natural do Vale do Guadiana. 159pp.

Cardoso, A.C., C. Carrapato, J.C. Farinha, P. Rito e P. Silva, 2014. Plano de Ação do Saramugo. ICNF & Somincor. 79pp. Guita, R., 1999. Engenhos Hidráulicos Tradicionais. ICNB, Parque Natural do Vale do Guadiana. 79pp.

Henriques, P.C. e J.C. Farinha (coord. Edição), 1999. Retratos – Rede Nacional de Áreas Protegidas em Portugal Continental. Instituto da Conservação da Natureza. 157pp.

ICNF, IP, 2016. Estudo de Base para a elaboração do programa especial do Parque Natural do Vale do Guadiana – Fase 1- Caraterização. Oliveira, R., 1996. Contributos para a preservação e valorização do património natural do troço médio do Vale do Guadiana. Associação de Defesa do Património de Mértola. 99 p.

Rogado, L. e C. Carrapato, 2001. Peixes do Parque Natural do Vale do Guadiana. Instituto da Conservação da Natureza / Parque Natural do Vale do Guadiana. 127 pp.

AGRADECIMENTOS

A publicação de um livro sobre os 25 anos do Parque Natural do Vale do Guadiana contou com o envolvimento de um conjunto de pessoas e instituições que merecem o nosso mais sincero reconhecimento. Não será de mais agradecer aos atuais e antigos funcionários, que contribuíram para o melhor conhecimento e gestão desta área protegida bem como todas as entidades que participaram no processo de criação e de consolidação do Parque Natural do Vale do Guadiana.

Este livro foi construído com as contribuições desinteressadas de diversas pessoas que disponibilizaram as suas memórias, fotografias ou ainda o seu tempo na edição e enriquecimento de textos, possibilitando colmatar algumas lacunas e melhorar o resultado final.

Alguns dos textos foram redigidos a partir da atualização da informação contida nos painéis originais de interpretação da natureza, da autoria da Ana Cristina Cardoso com base no conhecimento atualmente existente sobre o território e os seus ecossistemas. O nosso reconhecimento a todos os colegas, pela disponibilização da informação de base e edição de textos, especialmente à Cristina Vieira, ao Ricardo Espírito Santo, ao João Alves, à Margarida Fernandes, à Ana Cristina Cardoso, ao Francisco Faria, ao Carlos Carrapato e à Alexandra Batista, assim como ao Pedro Rocha, que nunca deixaram de responder aos pedidos de apoio.

Nas fotografias e vídeos, os nossos agradecimentos ao João Santos que esteve sempre disponível, não só por disponibilizar muitas das fotografias que enriqueceram este trabalho mas também por ter participado na maratona de procurar colmatar aquelas falhas de registo fotográfico. O agradecimento também ao Carlos Carrapato, por disponibilizar e editar algum trabalho por ele

realizado ao longo do seu tempo de atividade neste parque natural.

E ainda ao Jorge Revez e à Carla Janeiro (ADPM), à Barbara Pais (Associação Portugal Secret Nature), à Nádía Torres (Oficina de Ourivesaria), à Rossana Torres e ao Cláudio Torres, à Maria Helena Rosa (Cooperativa Oficina de Tecelagem de Mértola, CRL), ao Nuno Sequeira (Câmara Municipal de Mértola), à Ana Martins, ao André Trindade, ...
... A todos o nosso mais caloroso obrigado.



CRÉDITOS

Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas, I.P. | Parque Natural do Vale do Guadiana, 2020

COORDENAÇÃO
Olga Martins

COORDENAÇÃO EXECUTIVA
João Carlos Farinha

DESIGN EDITORIAL
João Carlos Farinha e Anyforms Design

TEXTOS
Ana Cristina Cardoso | Francisco Faria | Guilherme Santos | Helena Fonseca | João Alves | João Carlos Farinha | João Madeira | Margarida Fernandes | Pedro Castro Henriques | Ricardo Espírito Santo

ILUSTRAÇÕES
Marcos Oliveira
Rui Carvalho

FOTOGRAFIA DA CAPA
João Santos

FOTOGRAFIAS
ADPM | Ana Cristina Cardoso | Ana Júlia Pereira | Angelo Fernandes @afshoot.com | Câmara Municipal de Mértola | Carlos Carrapato | Daniel Pinheiro | Hugo Lousa | ICNF | João Carlos Farinha | João Madeira | João Romba | Junta de Freguesia de Mértola | Maria Bastidas / ADPM | Miguel Porto / Sociedade Portuguesa de Botânica | Nuno Antunes - Portugal Wildscapes, Revelamos.com | Pedro Rocha | Rui Carvalho

VÍDEOS
Ana Cristina Cardoso | Carlos Carrapato | João Carlos Farinha | João Santos

VÍDEOS PROMOCIONAIS
Parque Natural do Vale do Guadiana | ICNF / Daniel Pinheiro / produzido no âmbito da marca Natural.PT

Territórios do Lince | ADPM / produzido no âmbito do Programa Valorizar – Valorização Turística do Interior

Património Cultural | ADPM / projeto GuadianaNATURAL.PT

Três anos no vale do guadiana, o caçador do silêncio | ICNF/ Pedro Sarmento / LIFE Iberlince

Um ano com o lince Mel | ICNF/ Pedro Sarmento / LIFE Iberlince

Solta pública de lince em Serpa / LIFE Iberlince – 2018 (Foto-reportagem) | Angelo Fernandes @afshoot.com

FICHA TÉCNICA

Parque Natural do Vale do Guadiana, 25 anos

Edição - Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas, I.P. | Parque Natural do Vale do Guadiana, 2020

TIRAGEM - 150 exemplares

ISBN - 978-972-775-235-5

DEPÓSITO LEGAL -

Proibida a reprodução total ou parcial do conteúdo desta obra sem autorização escrita do editor.





ICNF

Instituto da Conservação
da Natureza e das Florestas

Rio Guadiana, Canais
📷 João Santos

